

Tecnoética e ética hipocrática: a necessidade de uma vida sem violência

Technoetics and hippocratic ethics: the need of a Non-violent life

DOI:10.34117/bjdv7n7-354

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 14/07/2021

Antônio Carlos Gonçalves da Cruz

MSc, Médico Homeopata. Professor do Instituto Mineiro de Homeopatia.
Rua Brumadinho, 275, 2º andar. Bairro Prado, Belo Horizonte, MG. CEP: 30410-120.
E-mail acgcruz@uai.com.br

Mônica Beier

MSc, Médica Homeopata. Professora do Instituto Mineiro de Homeopatia, Rua
Brumadinho, 275, 2º andar. Bairro Prado, Belo Horizonte, MG. CEP: 30410-120.
E-mail imh@imh.com.br

Kerlane Ferreira da Costa Gouveia

Médica Nefrologista Pediatra, DSc, Professora da Escola de Medicina da Universidade
Federal de Ouro Preto, Campus Universitário, Ouro Preto, MG, CEP: 35400-000.
E-mail kerlaneg@gmail.com

RESUMO

O artigo trata de pontos de contato entre a Bioética e a Ética Hipocrática. Problemas conceituais relativos à interação do Homem com o Meio Ambiente e a Biodiversidade são abordados do ponto de vista do Hipocratismo. A evidência da interdependência entre a diversidade de espécies nos ecossistemas como mecanismo mantenedor da vida permite concluir que a violação das leis naturais desta dinâmica vital ocasiona modificações na estrutura ambiental com consequências negativas para a biodiversidade como um todo. A observação e o respeito pela Natureza foram instrumentos que o médico hipocrático utilizou para erigir preceitos técnicos e éticos da prática médica, ainda hoje atuais. A aproximação destes valores arcaicos da tradição hipocrática com a dinâmica comportamental humana projetada no mundo atual a necessidade de que o Homem busque compreender a Natureza e seus fenômenos vitais sob pena de comprometer pela violência a sua sobrevivência no planeta.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Biodiversidade, Ecossistema, Bioética, Violência.

ABSTRACT

The article deals with points of contact between Bioethics and Hippocratic Ethics. Conceptual problems concerning the interaction of Man with the Environment and Biodiversity are approached from the Hippocratic point of view. The evidence of interdependence among species diversity in ecosystems as a life-sustaining mechanism allows us to conclude that violation of the natural laws of this vital dynamic causes modifications in the environmental structure with negative consequences for biodiversity. Observation and respect for nature were tools that the Hippocratic physician used to

establish technical and ethical precepts for medical practice, which are still current today. The approximation of these archaic values of the Hippocratic tradition with the human behavioral dynamics projects into today's world the need for Man to seek to understand Nature and its vital phenomena, under penalty compromising through violence his survival on the planet.

Key-Words: Environment, Biodiversity, Ecosystem, Bioethics, Violence.

1 INTRODUÇÃO

A despeito de ser tão recuada no tempo, a noção de uma vida orgânica, em que tudo e todos se impliquem por interdependência, permanece como problema filosófico atual [1]. O distanciamento entre os saberes técnico e ético remonta ao Romanticismo alemão que se inicia no final do Século XVIII, mas esta questão já preocupava o Hipocratismo, há cerca de 2500 anos [2].

Adotando como fundamento da *physiophilia* — amor à Natureza —, o Hipocratismo desenvolveu uma *filantropia* e uma *tecnofilia* implicadas com uma visão orgânica do humano. Por ela, o Homem se rege pelos mesmos princípios que ordenam todo o Universo, em uma espécie de legalidade imanente [3]. Em consequência, já segundo o Hipocratismo, a violação tecno científica das leis naturais e da dinâmica vital — violência, em essência — acarreta sérias modificações na dinâmica do meio ambiente com impacto negativo sobre a biodiversidade, incluindo o Homem. A responsabilidade *práxis* humana merece consideração moral diante da perspectiva de que todos os seres vivos têm direito à vida.

2 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS

2.1 BIODIVERSIDADE E MEIO AMBIENTE

Biodiversidade é, numa definição simples, diversidade de vidas. Engloba a variação entre espécies ou outros elementos biológicos, que inclui alelos e complexos genéticos, populações, associações, comunidades, ecossistemas, paisagens e regiões biogeográficas. A biodiversidade pode se exprimir como variação em uma certa localidade, ou entre elementos ao longo de escalas geográficas e temporais. Essa variação pode incluir os diferentes tipos de espécies ou elementos, suas freqüências relativas, o grau de variação entre esses elementos, ou a variação em processos chaves, como fluxo genético, interações interespecíficas ou sucessão ecológica [4].

Todos os níveis de diversidade biológica são imprescindíveis para a sobrevivência das espécies e das comunidades naturais, incluindo o Homem. A diversidade das espécies traduz o êxito de suas adaptações nos diferentes ambientes, fornecendo alternativas de recursos às formas existenciais, sendo um reflexo da resposta coletiva das espécies às diferentes condições do meio ambiente [5].

A biodiversidade é afetada conforme a ocorrência da destruição e perda do *habitat* natural [6]. Devastações do meio ambiente arrastam consigo a eliminação de muitas e diferentes espécies. A posterior modificação das condições ambientais, aliada aos altos índices de poluição, completam estas ações exterminadoras que acarretam sombrias conseqüências para a humanidade e seu futuro [7]. É evidente que a degradação do meio ambiente constitui um dos problemas mais graves que a humanidade enfrenta atualmente, ocasionada pelo desenvolvimento indiscriminado, a despeito do conhecimento de que o ambiente de uma comunidade é um condicionante de seu bem estar social, sanitário e econômico.

2.2 INTERAÇÕES E DINÂMICA SOCIAL

Sabe-se que o Sol — a maior fonte energética natural de nosso sistema planetário — é constituído, em 87%, por Hidrogênio (H) — o átomo mais simples. No interior deste astro, submetido a altíssimas temperaturas, o Hidrogênio dá origem a outros elementos como Hélio (He), Carbono (C), Oxigênio (O), Nitrogênio (N) e muitos outros. Estes elementos deslocam-se para a superfície solar e dão seqüência à atividade de interrelação que os originou. Assim, esses elementos sacrificam sua individualidade e características próprias para, associando-se, encontrar mais estabilidade termodinâmica [8]. O organismo humano, assim, é constituído por elementos que abundam na crosta terrestre [9].

A palavra Ecologia foi utilizada pela primeira vez por Ernst Haeckel em 1869, definindo-a como o estudo científico das interações entre os organismos e o seu ambiente. É fato que os organismos são afetados pelas condições em que vivem e pelos recursos que obtêm, de modo que nenhum organismo vive isolado [10]. A eventual perda de uma espécie pode acarretar conseqüências de longo alcance para os demais membros da comunidade. Assim, pressupõe-se que os humanos deveriam viver alocados nas limitações em que vivem outros seres — já que toda espécie tem o direito de existir — e que deveriam dispensar cuidados para diminuir o dano que causam ao seu ambiente natural, considerando que tal dano lesa outras espécies além dos próprios humanos [5].

Um ecossistema não é uma simples justaposição de seres vivos e fatores que possibilitam a vida, mas um complexo dinamismo vital interativo e cíclico. Em sua essência, essa dinâmica pauta-se na absorção e consumo de energia. O ser humano é um elo desse processo, porém, de forma diferente dos demais, conflita-se com seu ambiente biótico. A questão da conservação da biodiversidade, então, é plenamente vinculada à relação do ser humano com a Natureza [11].

3 BIOÉTICA AMBIENTAL E ÉTICA HIPOCRÁTICA: PONTOS DE CONTATO

Tales de Mileto, no início do pensamento filosófico, concluiu que há vida até nas pedras —*hilozoísmo*. Posteriormente, Alcméon de Crotona, médico e filósofo da Grécia antiga (séc. VI a.C.) enunciou que um organismo manifesta equilíbrio através da isonomia ou moderação de suas forças componentes.

A cultura grega pré-socrática balizava-se na idéia de *phýsis*, onde harmonia e paz decorrem do equilíbrio, sem predomínio, entre os elementos constituintes do corpo. Essa noção encontra ressonância no conceito hipocrático de saúde, que era atribuído à habilidade orgânica de proceder à mistura, ao tempero, à cocção e à assimilação dos elementos corporais, a fim de que convivessem sem o domínio de um sobre os outros. Assim, a saúde seria uma condição dinâmica de conservação ou recuperação do equilíbrio orgânico, uma condição de isonomia que se opõe à monarquia de um elemento sobre os demais. O oposto, a assimetria, que ocorre quando do destempero, má mescla ou má assimilação, caracterizaria a doença — expressão da *hýbris* ou descomedimento — em virtude da desagregação dos elementos e predomínio de um sobre outros, produzindo sensações e depósitos danosos, agredindo o corpo e os sentidos [3].

Se o Homem afronta a justa medida que governa o universo, trava-se uma disputa dinâmica entre a natureza humana e a força do todo e essa disputa é um princípio basilar sobre o qual se apoia o pensamento etiológico do hipocratismo. O estado mórbido representa a atualização de uma violência e, sem esta, não há enfermidade [3].

O *Corpus Hippocraticum* reúne um conjunto de tratados médicos que contêm a doutrina e pensamento hipocráticos, onde são enunciados postulados que referenciam o respeito à Natureza. O autor de *Sobre as Semanas* esclarece a causa do enfermar humano e afirma que nada de funesto nem de mortal acontece, quando se está em conformidade com a Natureza e que a Natureza do Homem não pode superar o poder do universo ou da união das coisas [12]. Em *Sobre a Medicina Antiga* registra-se, a respeito das causas de todos os males, que os elementos excessivamente fortes e dominantes têm potencial

danoso [13]. Pensamento semelhante é expresso em *Sobre a Dieta*: nenhum elemento deve predominar sobre o outro de forma absoluta [14]. No tratado *Lugares no Homem* afirma-se que a realidade corporal se manifesta de modo que todas as partes contêm tudo o que existe no todo [15]. Ensina-se em *Sobre Ares, Águas e Lugares* que o Homem é uma parte integrada do Cosmos, que o entorno vital influencia o indivíduo e que, sem um conhecimento do meio, não é possível uma prática adequada da Medicina [16]. Da mesma maneira, *Epidemias I* indica que o conhecimento da Astronomia é importante para determinar as mudanças climáticas que influenciam o equilíbrio da saúde humana, sendo a identificação das estações e a meteorologia relevantes na prática médica [17]. Neste mesmo livro, está explicitado o aforismo “*favorecer ou não prejudicar*”, reafirmado no *Juramento* [18]. Em *Epidemias VI* lê-se que a Natureza é o médico das enfermidades e, bem educada e sem instrução, encontra ela mesma as vias e os meios, fazendo o que melhor convém [19].

As espécies são interdependentes e se implicam de modo complexo como parte de comunidades naturais. Características químicas e físicas da atmosfera, do clima, do oceano e da litosfera interagem com processos biológicos, de modo que dinâmicas físico-químicas e biológicas se autorregulam. Assim, Lovelock [20] propõe que a Terra é um ser vivente. Buscando na mitologia grega o nome da deusa Gaia, este autor afirma que a própria vida contribui para conservar as condições para a vida em nosso planeta. Na hipótese Gaia [20], a Terra é um super ecossistema que abrange toda a vida e todo o seu meio ambiente, estreitamente conectados, de modo a formar uma entidade autorreguladora.

A discussão ecológica surgiu como reação ética a uma mentalidade predatória da Natureza. Essa consciência de que a crise ambiental é global aponta para a necessidade de respostas planetárias e nenhuma nação, isoladamente, poderá responder pelos desafios ecológicos. Destarte, o paradigma ecológico surgiu para contrapor-se ao paradigma moderno da autonomia humana de conquista e domínio da Natureza pela ciência e pela técnica, impondo-se a necessidade de um comportamento prudente e moderado [21].

Uma educação ética desenvolve a consciência de que somos responsáveis por nossas ações, direcionando-nos a um comportamento em concordância com os padrões mais elevados da sociedade. A premissa angular de uma ética ambiental é que não devemos fazer nada ao meio ambiente que dificulte a vida para gerações futuras, concordantemente com a ética da responsabilidade [22]. O Humanismo evolutivo é uma ética exigente, porque responsabiliza todo indivíduo, de alguma forma, pelo futuro da

nossa espécie. Essa responsabilidade é individual e social, não devendo ser direcionada somente para o ser humano, mas também a toda a Natureza de nosso frágil globo [22].

4 PROMETEU E A TECNOCIÊNCIA

No nascedouro da cultura ocidental, Hesíodo (séc. VIII a VII a.C.) instruía que o Homem se tornara comedor de pão enquanto amargurado pelo sofrimento das Calamidades [24]. Esse Homem era havido por nascido de mulher, inserido em uma condição férrea que o obrigava a optar entre o Bem e o Mal, para ser melhor a cada dia mediante recuperação da memória da moderação. Se, na juventude, o Homem aceitasse os padecimentos do comedimento, ele poderia usufruir de felicidade no restante de sua vida. Da Prudência, ele se olvidara por causa de sua violência e impiedade para com sua origem natural e divina.

Decaída de uma áurea situação, em que o trabalho de um dia bastava para as necessidades de todo um ano, a dinâmica comedora de pão se devia à violência que tornou o Homem dominador e misantropo e fê-lo viver partido pela força fratricida dos regimentos e do trabalho de exaurir o seu exterior. A opção por beneficiar a circunstância, em detrimento de se aperfeiçoar interiormente pela tecnociência do auto-conhecimento, transfigurou o Homem em um ser atormentado pelo sofrimento e descuido nos domínios da razão instrumental.

A tecnociência de manejo do externo pode ser herança de Prometeu, que aliara-se aos Homens em imprudência. Inconformado com a vida humana descomedida e patética, o Titã deliberou proporcionar-lhe mais sentido. Para tanto, decidiu roubar das entranhas de Zeus o *logos* com que sanear a tragédia de seus pares. Prometeu se incumbira de inspirar a racionalidade para neutralizar o saber patético, capaz de favorecer a revitalização da memória original, que tudo assimila. E, a partir dessa intuição, buscando sentido anestésico para os sofrimentos, a tecnociência humana materializou-se para objetivar a Natureza e sorver-lhe os segredos, chegando a coisificar o próprio Homem.

Dialeticamente, entretanto, a simbólica do previdente irmão de Epimeteu pode se relacionar com o socorro natural às dores humanas, representando auxílio lógico à caverna patética, através das luzes racionais. Se Zeus flagelava a imprudência com calamidades silenciosas, também facultava que a experiência da dor despertasse a racionalidade para conduzir o humano, em moderação, ao patamar da justa medida.

Daí as tormentas no Cáucaso, em consonância com o ditame oracular sobre a procedência do agente curativo a partir daquilo de que provém o Mal. Regimentos e dores,

em contexto de moderação, alimentariam a experiência em seu projeto de evocar intuições ordenadoras e prudentes, incluindo a estesia e a estética em um projeto de vida comedida que valesse a pena ser vivido.

A racionalidade de objetivação obstaculiza a realização lógica que comunica técnica e ética em uma existência moderada e conexa, *physiológica*, enriquecida por implicações de vulnerabilidade e interdependência.

A condição comedora de pão pode ser comparada à do incestuoso Édipo [24], cujo reinado aconteceu em função da não assimilação parricida que abateu Laio na encruzilhada. Há aqui a possibilidade de se refletir sobre o fratricídio, que não assimila, vir a mortificar a unidade (Laio) que manifesta o Humano — *Homo* como semelhante. Incestuosamente, o parricida reina materialmente. Mas não consegue impedir a destruição de seu próprio reino, descobrindo, ao fim e ao cabo, que deve se confraternizar com seus figadais contrários e que nem sempre de pão vive o Homem. Não sem razão, os filhos de Édipo se matam e o adversário ateniense se asila em Colono, de onde, tragado pela terra, se converte em protetor da Ática [24].

5 CONCLUSÕES

Há algumas décadas, a Bioética nasceu em função do distanciamento entre os saberes ético e técnico, em contexto de sérias dúvidas sobre a sobrevivência do Homem e do planeta. No entanto, o tratado hipocrático *Sobre a Medicina Antiga* [13] já manifestava a preocupação ética em reconduzir a inspiração não-maleficente do aperfeiçoamento médico da condição humana, realizadora da Natureza [24]. Para se tornar arte de tratar os enfermos, por diferenciação de outras artes dietéticas de conservação da saúde, a Medicina precisava equilibrar os potenciais de beneficência com os de maleficência. Tornava-se indispensável reconduzir o referencial não-maleficente, herança paradigmática da Medicina dos antigos, estabelecida no marco da filantropia e da *physiofilia*.

A perspectiva ecológica de mundo resgata, de certo modo, o olhar hipocrático sobre a natureza. É imperativo que o ser humano compreenda a Natureza como a fonte da vida, da qual faz parte, devendo respeitá-la e conservá-la, não reduzindo-a a objeto de interesses que a violentem.

REFERÊNCIAS

- [1] BIRNBACHER, D. "What Is Biodiversity and Why Should It Be Protected?". **Crisis and Critique: Philosophical Analysis and Current Events**, edited by Anne Siegetsleitner, Andreas Oberprantacher, Marie-Luisa Frick and Ulrich Metschl, Berlin, Boston: De Gruyter, 2021, pp. 317-330. <https://doi.org/10.1515/9783110702255-022>
- [2] BENÍTEZ, J. M. **Pasos hacia una tecnología ecológica, más allá de la tecnofilia y la tecnofobia**. Universidad Nacional de Asunción. Actas del VII Coloquio de Filosofía de la Técnica y del I Conversatorio sobre Tecnoestética y Sensorium Contemporáneo. 2020. pp 89-96.
- [3] ENTRALGO, P. L. La medicina hipocrática. Madrid: Alianza Editorial, 1982. 456 p.
- [4] BROWN, J. H., LOMOLINO, M. V. **Biogeografía**. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2006. 691 p.
- [5] PRIMACK, R. B., RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Planta, 2001. 100 p.
- [6] HERNÁNDEZ, J. M. La evaluación y conservación de la biodiversidade: Perspectivas. **Cuadernos de Bioética**, v. X, n. 38, p. 249 – 52, 1999.
- [7] FERRÃO, J. E. M. Poluição, desertificação e extinção de espécies. In: Archer, L., Biscaia, J., Oswald, W. (orgs.). **Bioética**. Lisboa: Editorial Verbo, 1996. p.141-6.
- [8] ARCHER, L. **Da Genética à bioética**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2006. 455 p.
- [9] CARRATALA, S. La manipulación evolutiva: una visión desde la biología. **Cuadernos de Bioética**, v. X, n. 38, p. 253 -72, 1999.
- [10] BEGON, M., TOWNSEND, C. R., HARPER J. L. **Ecología - De individuos a ecosistemas**. São Paulo: Artemed, 2008. 752 p.
- [11] JUNGES, J. R. **(Bio) Ética Ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 2010. 119 p.
- [12] HIPPOCRATES. Sobre las semanas. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Pólo, J.V. Madrid: Editorial Gredos, 1983a. v VIII, p. 475-529.
- [13] HIPPOCRATES. Sobre la medicina antigua. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Nava, M.D.L. Madrid: Editorial Gredos, 1983b. v. I, p. 135-68.
- [14] HIPPOCRATES. Sobre la dieta. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Gual, C.G. Madrid: Editorial Gredos, 1997. v. III, p. 19-116.
- [15] HIPPOCRATES. Sobre los lugares em el hombre. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Pólo, J.V. Madrid: Editorial Gredos, 2003. v.VIII, p. 89-136.

- [16] HIPPOCRATES. Sobre la medicina antigua. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Nava, M.D.L. Madrid: Editorial Gredos, 1983b. v. I, p. 135-68.
- [17] HIPPOCRATES. Epidemias I. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Esteban, A. Madrid: Editorial Gredos, 1989a. v. V, p. 45-91.
- [18] HIPPOCRATES. Juramento. In: Gual CG, editor. **Tratados hipocráticos**. Vol. I. Traducción Nava, M. D. L. Madrid: Editorial Gredos, 1983c, v I, p.77.
- [19] HIPPOCRATES. Epidemias VI. In: Gual, C.G., editor. **Tratados hipocráticos**. Traducción Novo, E.G. Madrid: Editorial Gredos, 1989b. v. V, p. 211-50.
- [20] LOVELOCK, J. **As Eras de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991. 216 p.
- [21] MAYR, E. **Isto é biologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 440 p.
- [22] JONAS, H. **O Princípio da Responsabilidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2006. 354 p.
- [23] HESÍODO. **Teogonia. Trabalhos e Dias**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010. 144 p.
- [24] JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Parreira AM. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1413 p.